

## A EDUCAÇÃO E A SAÚDE NA ORGANIZAÇÃO DO SUJEITO

Palestra de abertura apresentada na Mesa Redonda do II FÓRUM DE PSICOMOTRICIDADE da Universidade Castelo Branco – 2011.

As diferenças na origem do ser humano, nas marcas iniciais da vida, se iniciam no processo de humanização, ou melhor, no ato de educar.

Não são todas as crianças que têm em sua origem a implantação do desejo. Algumas crianças em sua origem são recebidas como selvagens, que deles, nada se quer saber. Outras são recebidas como estrangeiros, que supomos nos trazer coisas de outro mundo.

*“Educar é transmitir marcas simbólicas que possibilitem ao pequeno sujeito usufruir um lugar no campo da palavra e da linguagem a partir do qual seja possível se lançar às empresas impossíveis do desejo” (LEJONQUIÈRE apud LEVIN, 2005, P.12).*

*“A criança dessa mãe aterriza nos seus braços como se fosse um estrangeiro. À diferença do selvagem – cujos mistérios o civilizado teima em apagar enquanto tais, o estrangeiro é suposto ter coisas de Outro mundo para nos contar. Espera-se que aprenda nossa língua para virmos a saber sobre esse Outro mundo e, assim, ficarmos menos estranhos e mais familiares. O investimento narcísico dos adultos faz da criança um estrangeiro a ser recebido nos braços e não um selvagem de quem nada se quer saber”. (LEJONQUIÈRE apud LEVIN, 2005, P.11).*

Assim também acontece no processo educativo quando tratamos o aluno como um selvagem, o afastamos dos encontros, pois acreditamos que nele nada habita. Quando tratamos o aluno como um estrangeiro, o desejamos, pois acreditamos que ele tem algo a nos contar de um outro mundo.

O aluno selvagem não nos faz curiosos, pois seus mistérios são os nossos, os quais não queremos saber. Se esse aluno for bom, o adoraremos em silêncio, mas se for mau, tentaremos vencê-lo para rapidamente ignorá-lo.

A noção de unidade corporal não é inata. O bebê nasce fragmentado em seus campos sensorial e motor. O outro é quem unifica esse órgão (o novo ser-bebê), une e humaniza esses fragmentos e aos poucos vão dando um sentido a esse corpo.

Para a Psicomotricidade, nesse corpo fragmentado, há um aparecimento gradativo de um sujeito, em sua dimensão dramática, subjetivante, onde o aspecto sensório motor é estimulado em gestualidade e cenas de organização motora com o outro. Ele recebe por vias aferentes os estímulos externos e internos, mas não consegue responder, pois as vias eferentes não estão amadurecidas e por isso não tem uma resposta e sim reações.

Quem unifica esse aparelho sensório-motor fragmentado em sua origem é o OUTRO, denominado inicialmente de função materna e paterna.

Trata-se por isso, de um processo educativo vivenciado por todos os envolvidos, numa poesia melódica que inaugura ao mesmo tempo, UM FILHO, UMA MÃE E UM PAI.

Esse outro irá antecipar um sujeito que ainda não existe, está fragmentado, irá gradativamente inventando saberes que darão um sentido aos movimentos do bebê, ou seja, o bebê vai se tornando um portador de um suposto saber subjetivado nas cenas relacionais dele com o outro.

Este processo educativo de ambos – o bebê e o outro, onde um educa uma filiação e o outro educa uma maternagem, é composto de linguagens re-significadas a cada instante, em cada cena de forma transgeracional.

Nessa unificação do aparelho sensório-motor o prazer, o lúdico, a arte, devem ser estimulados no bebê, pois caso contrário, todas essas atividades humanas podem não ser reconhecidas por esse sujeito em seu amadurecimento.

Vemos hoje, muitas pessoas que não sabem lidar com espaços de prazer durante a vida, vivem num mundo cartesiano, onde a arte, a ludicidade e o prazer são ínfimos, não desejados ou pensados.

Nós nos esquecemos freqüentemente que não somos uma síntese bioquímica, que há mais algumas coisas em nossa composição, como saudade, dor, etc. e quando deixamos de significar, associar, ou refletir, saímos do humano gradativamente.

A unificação desses fragmentos é mantida por uma repetição de movimentos, cenas e contatos, e é exatamente essa repetição, que causa a naturalização da experiência. O processo educativo tem significado então, quando vai ficando natural à criança aquele gesto, ou um comportamento.

A educação como uma nova etapa na vida desse ser, não deveria, por conseguinte, formar um aluno e sim um sujeito, assim como o jogo deveria formar a moral de um sujeito.

Por outro lado, cada vez mais, desde sua origem, esse outro não tem sido o mesmo. Em nossa civilização ocidental, cada vez mais os pais deixam de exercer a unificação dos fragmentos corporais dos nossos bebês. A mãe cuidadora está deixando de existir e assumindo o papel de mantenedora. Com isso, como ela não pode se doar ao filho como gostaria, pois não dispõe mais de tempo para isto, ela compra tudo para esse filho, tentando suprir esse cuidado que não existe mais. Isso acontece hoje, na maioria de nossas famílias.

Tudo isso cria novas formas de subjetivação, tanto para um menino, quanto para uma menina. Hoje você escolhe seu gênero.

Vivemos um novo mito: o Virtual. Enquanto você está virtual, você não é. Você só é quando aparece, mas ao aparecer não pode correr o risco de ser deletado, este é o perigo do virtual. O ser humano é um ser que tem que aparecer, as pessoas hoje querem aparecer a qualquer custo.

Quando o filho esperado não corresponde ao que foi antecipado pelos pais, não é re-conhecido nessa filiação, questiona a função parental de tal forma que a própria genealogia é questionada, assim como o domínio familiar e a herança simbólica gerada por esse filho.

Como unificar fragmentos de um corpo não reconhecido ?

Nesse momento podemos dizer que a saúde psicomotora se resume em retirar a deficiência, a dificuldade, a desorganização, da passividade na qual este sujeito foi colocado ou visto pelo outro. Estando no mesmo lugar este sujeito só poderá reproduzir sempre a mesma coisa.

Para LEVIN (2005, p. 96) Lutamos para gerar sentidos cênicos e para que o destino não seja o órgão ou a síndrome, mas o trânsito realizado pela infância.

Em um trabalho psicomotor conseguimos ver o fazer do sujeito que não fazia nada ao olhar do outro. Entramos em contato com ele e não com sua deficiência, fazendo com que esse seu corpo seja habitado por uma poética da representação. Conseguimos muitas vezes, com isso, que haja uma possível retomada da filiação perdida, pois os pais iniciam uma trajetória de enxergar um corpo poético, com possibilidades de produzir coisas, com possibilidades de ocupar um lugar na transgeracionalidade, antes impensável.